

Compartilhamento de Procedimentos Criativos de proximação ao Corpo Bioma¹

Compartir Procesos Creativos de Acercamiento al Cuerpo Bioma // Sharing Creative Processes of Approaching the Body Biome

Michele Carolina Silva²

m229512@dac.unicamp.br

UNICAMP – SP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7743-3539>

Fecha de recepción: 30 de abril de 2025

Fecha de aceptación: 28 de septiembre de 2025



Cómo citar: Silva, M. C. (2025). Compartilhamento de procedimentos criativos de aproximação ao corpo bioma. *Revista CorpoGraías*, 13(13), pp. 76–92. DOI: <https://doi.org/10.14483/25909398.23574>

¹ Artículo de investigación artística, cultural, social, científica o tecnológica

² Dançarina, artista, pesquisadora, parecerista, educadora e produtora. Doutoranda no Instituto de Artes da Cena na UNICAMP e mestra pela mesma instituição. Formada em Licenciatura Português e Inglês pela Universidade Paulista. Formada atriz pela Escola Livre de Teatro de Santo André (DRT 48.633). Criadora, coordenadora e performer no Coletivo Ruínas, coletivo artístico temporário de investigação, pesquisa e criação transdisciplinar, que se interessa pelas transformações que sofrem corpos e ambientes submetidos à ação do capital especulativo imobiliário. Desenvolve trabalhos cênicos, instalações, intervenções urbanas e performances em intersecção com audiovisual expandido, música, dança, teatro, iluminação e tecnologias <https://lattes.cnpq.br/2201921798890127> Email: michelecarolina.e@gmail.com

Resumen

Compartir caminos y elecciones que guiaron la concepción y coordinación de la Residencia Artística “Corpo Bioma: danzas para des-especular imaginarios”, contemplada en la 34^a edición de la convocatoria de propuestas para la promoción de la danza en la ciudad de São Paulo, concebida por la autora y realizada junto al Coletivo Ruínas. Corresponde a la parte práctica de la investigación doctoral en curso en el Instituto de Artes Escénicas de la Unicamp, titulada «Bioma Corporal: vínculos ciudad-bosque para desespecular la vida. Creaciones escénicas basadas en la danza contemporánea.

Palabras clave

bioma, ciudad, especulación, bosque, residencia artística

Resumo

Compartilhar caminhos e escolhas que orientaram a concepção e a coordenação da Residência Artística “Corpo Bioma: danças para desespecular imaginários”, contemplada pela 34^a edição do edital de fomento à dança da cidade de São Paulo concebido pela autora e em realização junto ao Coletivo Ruínas. Corresponde à parte prática da pesquisa de doutorado em andamento no Instituto de Artes Cênicas da Unicamp nomeada “Corpo Bioma: elos cidade floresta para desespecular a vida. Criações cênicas a partir da dança contemporânea”.

Palavras-chave

bioma, cidade, especulação, floresta, residência artística.

Abstract

Share the paths and choices that guided the conception and coordination of the Artistic Residency “Corpo Bioma: dances to de-speculate imaginaries”, contemplated by the 34th edition of the call for proposals for dance promotion in the city of São Paulo, conceived by the author and being carried out together with Coletivo

Ruínas. It corresponds to the practical part of the doctoral research underway at the Institute of Performing Arts at Unicamp, named “Corpo Bioma: city-forest links to de-speculate life. Scenic creations based on contemporary dance”.

Keywords

biome, city, speculation, forest, artistic residency.

Apresentação

I “Corpo Bioma: elos cidade floresta para desespecular a vida. Criações cênicas a partir da dança contemporânea” é o título do projeto de pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em Artes da Cena no Instituto de Artes da UNICAMP – SP. Parte da pesquisa prática, aconteceu com a realização da Residência Artística “Corpo Bioma: danças para desespecular imaginários”, concebida e coordenada pela autora e realizada junto ao Coletivo Ruínas entre os meses de março a outubro de 2024 na cidade de São Paulo e arredores. Contou com financiamento do 34º edital de fomento à dança para a cidade de São Paulo.

O mote da Residência Artística foi a busca pela vida multiespecífica em ambiente urbano, considerando que temas como: a destruição, o esgotamento, os limites, os pontos de não retorno, tendem a provocar, dentre tantos impactos, ansiedade climática, podendo vir a se manifestar como paralisia, dormência, imobilidade. Significativo ressaltar a relevância deste aspecto para uma pesquisa de dança, prática esta que se desenvolve justamente por via do movimento. Entretanto, o corpo parou. Paralisou em contato com o capital especulativo que faz ruir casas e desaparecer horizontes na verticalização de edifícios e condomínios. Como seguir movendo, se possível com alegria, quando o problema parece ser demasiadamente grande para se desmanchar?

Buscar a vida tem se apresentado como caminho para dançar, conversar, pensar, trocar perspectivas, referências e pontos de vista sobre o cultivo e a criação de possibilidades de vida digna para além da vida humana. Agir de modo a fomentar a dignidade e a raridade da vida dos vegetais, animais, minerais, seres encantados e a infinidade multiespecífica de existências que coabitam o planeta. Como nós, seres humanos da megalópole São Paulo, nos colocamos em composição com o meio em que vivemos,

saindo de uma posição de centralidade, e aprendemos a coexistir com seres mais-que-humanos?

Compartilhar parte dos procedimentos artísticos elaborados para e durante a realização da Residência Artística “Corpo Bioma: danças para desespecular imaginários”, passa pela observação cotidiana da modificação que sofrem os ambientes em que vivemos e os impactos que estas modificações estão provocando em nós e aos demais seres que os habitam. Partindo da premissa da inseparabilidade entre corpo e ambiente, como expressa por Eduardo Viveiros de Castro em “Os involuntários da pátria”:

A terra é o corpo dos índios, os índios são parte do corpo da Terra. A relação entre terra e corpo é crucial. A separação entre a comunidade e a terra tem como sua face paralela, sua sombra, a separação entre as pessoas e seus corpos, outra operação indispensável executada pelo Estado para criar populações administradas. (Castro, 2017, p.191).

Importante explicitar que a pesquisa “Corpo bioma” acontece em ambiente urbano por pessoas não indígenas. A relação entre corpos e ambientes é premissa, todavia, os fatores que agem nos corpos e terra desta pesquisa “Corpo bioma” partiram dos sítios de demolição residencial para a construção de prédios e condomínio, do apartamento dos corpos em relação à terra, separados da terra, não somente no sentido da posse de uma propriedade, como também nos diversos sentidos entre corpo e terra que conferem pertencimento, laços, vida comum e compartilhada. Apartamento é um termo presente nas pesquisas do Coletivo Ruínas por seus diversos significados: 1) unidade de moradia em um prédio; 2) bem comercializado pelo mercado imobiliário especulativo transnacional que gentrifica áreas urbanas; 3) segregação, separação. Acompanhar incorporadoras assediando vizinhos para vender suas casas, demolidoras colocando casas abaixo, construtoras subindo altos edifícios residenciais, comércios aderindo à gourmetização da propaganda de vida feliz dos empreendimentos

imobiliários, ruas ficando cada vez mais vazias de pessoas e mais cheias de carros, a substituição do horizonte para paredões de concreto dos altos edifícios são alguns dos fatores que conduzem ao questionamento: “O que significa ter a cidade de São Paulo como bioma e viver neste ambiente?”

Trazendo o foco para as artes cênicas, intrigou a autora como os corpos estão se modificando na intenção de preservar a vida neste tipo de ambiente hostil. Como tais intrusões ambientais (remoção de casa para construção de altos edifícios, destruição de áreas de preservação para construção de empreendimentos imobiliários etc.) impactam os corpos, subjetividades, cotidianos e relações com o ambiente urbano? Existem indicadores corporais que descrevam e/ou meçam o grau do impacto?

O meio habitacional e social que sofre alta especulação imobiliária financeirizada³ tem por marcas uma radical homogeneização arquitetônica e o adensamento demográfico com o objetivo de máxima exploração do solo e das pessoas, o mínimo gasto com recursos e nenhuma preocupação com a geração de bem-estar coletivo, pelo modo com que parecem se desobrigar de responsabilidades (materiais, estruturais, econômicas, sociais...) com o ambiente e com o bem comum, como se o interesse pelo cuidado do ambiente comum não fosse de responsabilidade comum, ou seja, de todas as pessoas.

Questiona-se: considerando a diversidade humana, é possível notar variações no afeto entre corpo e ambiente habitacional financeirizado? Será também possível notar coreografias que são comuns a determinados grupos

³ Financeirização descreve o processo pelo qual as trocas são progressivamente intermediadas por instrumentos financeiros, que possibilitam que bens, serviços e riscos sejam prontamente trocados por moeda, facilitando a racionalização de ativos e fluxos de renda. Termo usado para descrever o desenvolvimento do capitalismo financeiro.
Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Financeiriza%C3%A7%C3%A3o> Acesso em 28/04/2025.

sociais? Quais são as bases para se notar tal paralelismo entre ambiente especulado e corpo especulado? É preciso criar uma gramática? Existem estudos que partam da perspectiva da dança para analisar a especulação imobiliária? Operações múltiplas de segregação são pistas do que hoje o Coletivo Ruínas nomeia por “ruínas”. A cidade parece ser tratada como lugar oposto à floresta, como se a natureza pertencesse à floresta e fosse ausente na cidade, entretanto, como criar aproximações com sentidos de natureza em ambiente urbano e hostil? Como criar as condições para notar a natureza do corpo e do ambiente? Como abrir espaço para que se manifestem?

Para a autora, este é um momento de transição da pesquisa. Após investigar e mapear o mal-estar imobiliário financeirizado especulativo que a assombra, deseja agora sedimentar a pesquisa e a criação em campo fértil de vida e cura na tentativa de notar o quanto pode-se estar especulada (corpo, subjetividade, modo de vida), por habitar um ambiente especulado, e busca alternativas, modos e meios para “desespecular” seu corpo e imaginário.

O primeiro movimento neste sentido foi a realização da Residência Artística transdisciplinar “Corpo bioma: danças para desespecular imaginários”, composta pela autora e outras 08 artistas e dividida em 05 momentos descritas no kairósgrama⁴ abaixo.

A divisão dos momentos foi inspirada no tempo kairológico devido à natureza de desenvolvimento da própria pesquisa em andamento. O tempo da experiência, do pensamento, da assimilação comum dos assuntos não

⁴ Na estrutura linguística, simbólica e temporal da civilização moderna, geralmente emprega-se uma só palavra para significar a noção de "tempo". Os gregos antigos tinham duas palavras para o tempo: chronos e kairós. Enquanto o primeiro refere-se ao tempo cronológico ou sequencial (o tempo que se mede, de natureza quantitativa), Kairós possui natureza qualitativa, o momento indeterminado no tempo em que algo especial acontece: a experiência do momento oportuno. Em grego antigo e moderno, kairós (em grego moderno pronuncia-se *kerós*) também significa "tempo climático", como a palavra weather em inglês. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Kair%C3%B3s> Acessado em: 28/04/2025.

cabia no tempo cronológico, no sentido de criar um calendário fixo e segui-lo. O tempo de dedicação e decantação foi se apresentando momento a momento durante a realização da residência artística, o que é desafiador e conflituoso, especialmente no contexto de pessoas submetidas a trabalhos informais e que muitas vezes dificultam a organização de um cronograma cotidiano regular. Abrir a fenda que a pesquisa demanda no cotidiano é um exercício complexo e que exige, no mínimo, paciência. A velocidade não tem se mostrado uma força parceira para o desenvolvimento desta pesquisa.

Participaram da Residência Artística as dançarinas: Luciana Beloli, Michele Carolina, Rúbia Braga e Vitória Savini, o músico Jovem Palerosi, a arquiteta e fotógrafa Inês Bonduki, a escritora Jane de Oliveira, a figurinista Bibi Fragelli e o videomaker Gideoni Júnior. Cada artista tinha um histórico em relação à pesquisa, algumas de longa data, outras era a primeira aproximação. Por ser o momento inicial de experimentação do “corpo bioma”, que é um desdobramento das “ruínas” para a autora, e o início de uma parceria criativa com este coletivo artístico, os encontros começaram com a apresentação do atual interesse investigativo da autora, por meio de materiais de pesquisa, seguido da proposta para que cada artista selecionasse um aspecto atual de interesse que interseccionasse de alguma forma os conceitos e conteúdos apresentados para que todas compartilhassem perspectivas, materiais e intuições.

Abriu-se a oportunidade de selecionar interesses individuais de pesquisa, compartilhá-los em um grupo de pesquisa e olhar para a coleção gerada com olhares atentos aos rumos que nossos desejos e interesses em comum indicam. Apesar de ser uma pesquisa apoiada centralmente na linguagem da dança, não houve sobreposição de linguagens para as escolhas criativas. No início foi uma esquisitice, parecia que levaria a lugar nenhum, mas pouco a pouco, com coragem e confiança, os caminhos foram se apresentando e estão brevemente descritos abaixo:

Momento 1 – Compartilhamentos de pesquisas ou Banzeiro (março a maio de 2024)

“Banzeiro Òkótó: uma viagem à Amazônia centro do mundo” (2021) de Eliane Brum e a aula magma que a autora realizou na 9º M.I.T. (Mostra Internacional de Teatro) em março de 2024 foram os referenciais teóricos iniciais na pesquisa de corpo e ambiente nomeada “Corpo bioma”. A centralidade das florestas, o paralelo entre florestas e corpos femininos, a escrita encarnada são alguns dos aspectos pela escolha destes materiais como base comum.

Por quase três meses, foram compartilhados materiais referenciais da atual pesquisa de cada artista, estimuladas pela base comum acima apresentada. Este sobrevoo foi um tatear de como cada pessoa está lidando com os ambientes em seus cotidianos, bem como, quais são as reflexões e os apoios possíveis para seguir cuidando de si e dos próprios lares, além de trabalhando, caindo, produzindo e vivendo nestes contextos. Selecionar, compartilhar e receber referências diversas criou um campo fértil comum para as discussões, os estudos e ofereceu suporte ao intenso exercício de imaginar coletivamente o que pode vir a ser “danças para desespecular imaginários”. Alguns dos materiais compartilhados foram: o filme “O abraço da serpente” (2015) de Ciro Guerra; o podcast “caixas pretas” (2023) da Radio Novelo; o artigo *“Hydrofeminism on the coastline: an interview with Astrida Neimanis by Sarah Bezan”* (2022); a terceira parte do livro “Ética” (2009) de Spinoza (Ed. Autêntica); o vídeo documentário “Tapajós: a luta do rio da vida” (2014) Greenpeace, dentre outros.

Chegamos a três assuntos que sintetizam o interesse comum sobre o que pode vir a ser “corpo bioma” e inspirar “danças para desespecular imaginários”: a “água”, a “compostagem” e o que nomeamos por “seres rebeldes”, que são as formas de vida que resistem (e insistem) à ocupação humana, e que, nesta etapa da pesquisa foram

as plantas e as árvores que nascem no concreto de um viaduto. São plantadas pelos pássaros, pelo vento, por fezes de animais? Quem as planta?

Momento 2 – Formação dos núcleos “água”, “compostagem” e “seres rebeldes” para a elaboração de intervenções urbanas e performances (maio e junho de 2024)

A divisão do coletivo em três núcleos menores para o estudo de cada um dos assuntos-síntese foi, paralelamente, a escolha metodológica para a criação de performances e intervenções urbanas que o coletivo irá realizar na etapa seguinte. Focar em um tema, pesquisar diversos ambientes e localidades na cidade de São Paulo, eleger dispositivos, figurinos, sonoridades, aromas para a experimentação comum. Criar surpresas entre nós e praticar a disponibilidade para realizar performances e intervenções criadas por outras pessoas. Se colocar em jogo e em risco. Propor um jogo e receber o que volta. Perceber o banzeiro da cidade e escolher o que fazer a cada momento: esperar ou enfrentar e contar com a sorte? Olhar para as ruínas mirando encontros possíveis e agradáveis. Em Banzeiro Òkótó, Eliane narra que “banzeiro é como o povo do Xingu chama o território de brabeza do rio. É onde com sorte se pode passar, com azar não. É um lugar de perigo entre o de onde se veio e o aonde se quer chegar” (BRUM, 2021, p. 9).

Momento 3 – Performances e Intervenções Urbanas (julho e agosto de 2024)

O terceiro momento foi a realização das ações performáticas e intervenções urbanas em diferentes lugares da cidade de São Paulo e arredores. Um aspecto relevante do momento de preparação das ações foi a captação de imagem (vídeo e foto) e som. As artistas de fotografia, música e audiovisual propuseram três escalas de

captação da performance de dança nos lugares. 1) Uso de câmeras *gopro* (vídeo e foto) inseridos no figurino das dançarinas. Este procedimento de captação em movimento contínuo, em ângulos diferentes dos proporcionados pelas mãos e pelo olhar, conduzido por partes do corpo como o tornozelo ou o peito, ampliam o olhar e a atenção para o detalhe, o pequeno, o pouco visível em um ambiente vasto. 2) Uso de drone com a intenção de ampliar a escala do ambiente onde se insere as performances e intervenções. Trazer o olhar para o que é muito maior do que nós. 3) Uso de câmeras (vídeo e foto) nas mãos das artistas conferindo uma perspectiva humana para o acontecimento. Uma escala comum de percepção das ações.

Em relação à música, duas propostas foram testadas simultaneamente, uma foi a captação dos sons locais e a outra foi a sonorização realizada com o uso de caixas de som pequenas, também acopladas aos figurinos, e que eram acionadas por um celular com uso de *bluetooth*. Cada uma das dançarinas tinha uma caixa de som que emitia uma proposta sonora, de modo que atuavam tanto independentemente quanto em conjunto quando os corpos se aproximavam, mesclando por vezes as sonoridades com os sons dos lugares, gerando estranhamentos e dúvidas de qual era a fonte sonora.

A criação de texto durante a realização da Residência Artística surgiu da vontade da autora em ter as performances de dança acompanhadas por performance textual falada que acompanhasse toda a ação e fosse audível para as transeuntes presentes nos lugares das intervenções urbanas, entretanto, o formato que a pesquisa indicou foi a escrita de textos após a realização das intervenções, gerados pela experiência vivida. Foram produzidos três textos, um para cada núcleo.

O figurino foi confeccionado 100% em algodão, sem uso de petróleo ou plástico e com destaque ao uso de adereços e máscaras feitos de bucha vegetal, um material

que somou demais nos processos criativos. Brotos vegetais cultivados nas buchas e bolsas de cogumelos também compuseram os figurinos e adereços.



Imagen 1 (esq): brotos vegetais cultivados nas buchas. Foto: Luciana Beloli (2024)

Imagen 2 (dir): cultivo de bolsas de cogumelos. Foto: Michele Carolina (2024)

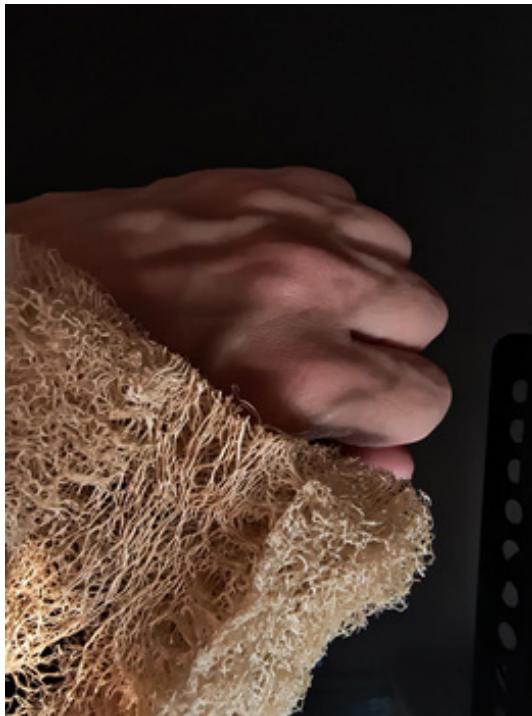


Imagen 3 (esq): máscara feita de bucha. Foto: Jovem Palerosi (2024)

Imagen 4 (dir): teste do uso da bucha vegetal no corpo. Foto: Michele Carolina (2024)

O núcleo “compostagem” propôs uma ação na “Composteira do Butantã”, localizada na praça Lions Club no Jardim Bonfiglioli, e um percurso por outras três composteiras na Vila Indiana, todas localizadas na zona oeste da cidade.

compostagem

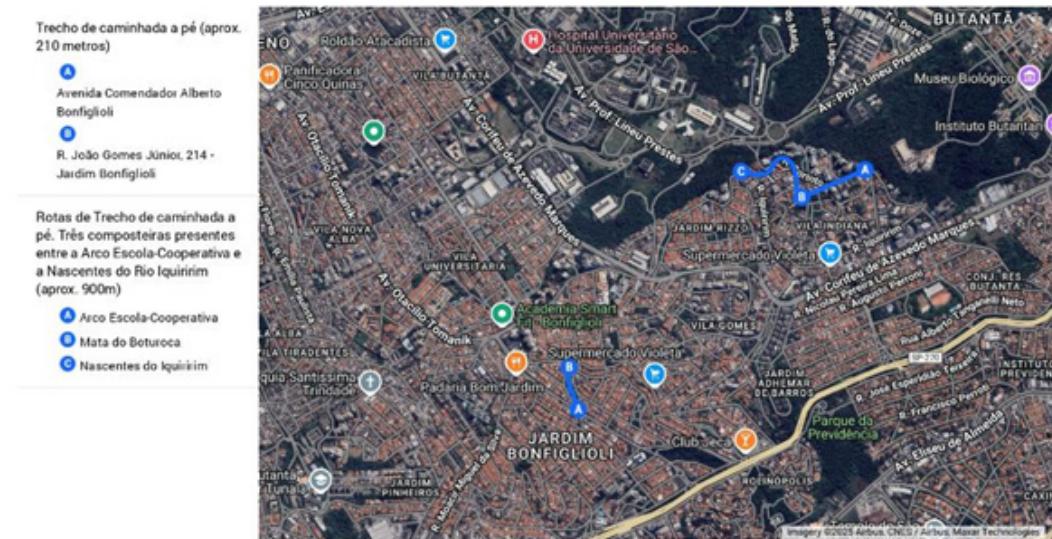


Imagen 5: mapa feito no aplicativo *google maps* pela autora (2025)



Imagen 6. Crédito: Inês Bonduki (2024)



Imagen 7. Crédito: Inês Bonduki (2024)

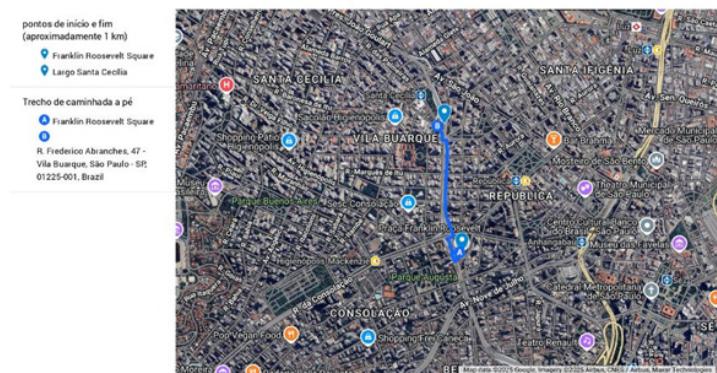


Imagen 8. Crédito: Inês Bonduki (2024)



Imagen 9. Crédito: Inês Bonduki (2024)

Seres Rebeldes



O núcleo dos “seres rebeldes” propôs performance com as plantas e árvores que crescem no concreto no Minhocão (Elevado presidente João Goulart).

Imagen 10: mapa feito no aplicativo google maps pela autora (2025)



Imagen 11. Crédito: Inês Bonduki (2024)



Imagen 12. Crédito: Inês Bonduki (2024)

O núcleo “água” propôs intervenções em 4 pontos do rio Tietê: na nascente na cidade de Salesópolis, em uma área agrícola na cidade de Mogi das Cruzes, no Parque Ecológico do Tietê, na zona leste de São Paulo e na passare-

la Bonfim que atravessa o rio tietê na cidade de Osasco próximo à subestação Osasco CPTM e ao Viaduto Maria Campos. Momento de testes, práticas, experimentações com a intenção de levantar materiais.

água

- Trechos de deslocamento de carro (aprox. 130km)
 - 📍 Tiete Park Springs
 - 📍 Viveiro Vitoria | Mudas de Hortalícias em Mogi das Cruzes
 - 📍 Parque Ecológico do Tietê
 - 📍 Passarela

- Trechos de deslocamento de carro (aprox. 130km)
 - 📍 Tiete Park Springs
 - 📍 Viveiro Vitoria | Mudas de Hortalícias em Mogi das Cruzes
 - 📍 Parque Ecológico do Tietê
 - 📍 Passarela

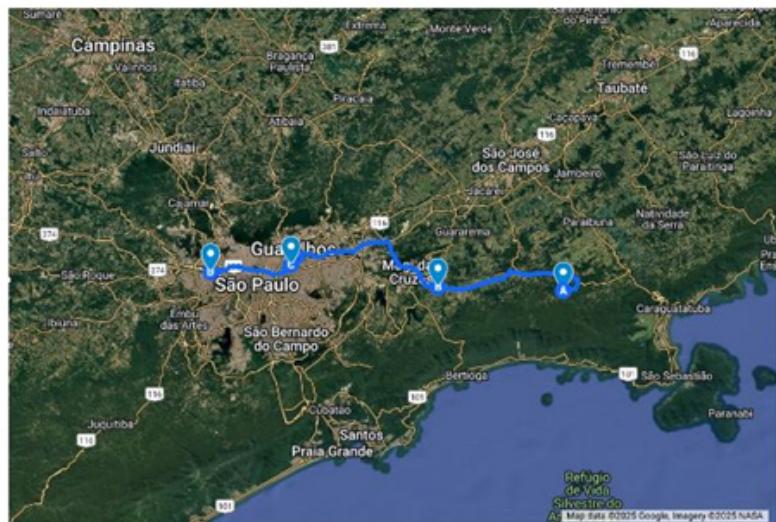


Imagem 13: mapa feito no aplicativo google maps pela autora (2025)

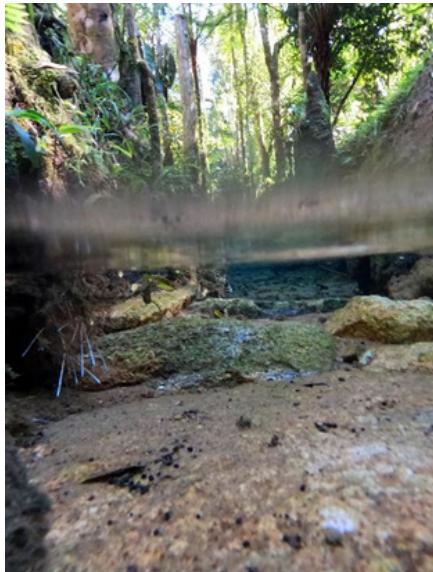


Imagem 14. Crédito: Inês Bonduki (2024)



Imagem 15. Crédito: Inês Bonduki (2024)

Imagen 16. Crédito: Inês Bonduki (2024)



Imagen 17 Crédito: Inês Bonduki (2024)



Momento 4 – Avaliação e análise das ações performativas e intervenções urbanas realizadas. Criação de compartilhamentos públicos da pesquisa. Realização de aulas públicas sobre “água”, “compostagem” e “seres rebeldes” (setembro e outubro 2024)

Os encontros com o grupo todo foram retomados. Todas as experimentações geraram materiais corporais, danças multiespecíficas, textos, sonoridades, fotos, vídeos por diferentes perspectivas (câmeras *gopro* colocadas nos corpos das dançarinas, máquinas na mão das artistas de foto e vídeo e drone), possibilitando adentrar relações tanto bem próximas quanto muito distantes. O quarto momento consistiu na avaliação crítica das ações perfor-

mativas e intervenções urbanas realizadas objetivando a elaboração e a seleção de materiais para a criação de compartilhamentos da pesquisa com o público.

A partir da diversidade de materiais selecionados, foram criados três formatos para o compartilhamento da pesquisa: uma performance itinerante (na nascente do Rio Iquiririm no bairro do Butantã), uma instalação performativa e audiovisual e uma roda de conversa (ambos na Galeria Dandi no bairro Santa Cecília).

Anterior aos compartilhamentos, aconteceram aulas em formato remoto com estudiosas de cada um dos três núcleos para as artistas residentes e que foram abertas para pessoas interessadas pelos temas. “Água” foi ministrado por Adriana Lippi⁵. Na aula foram abordados temas como Oceano e Clima da Terra, Relações Gênero e Natureza, Luto Climático e Como agir para enfrentar a Crise Climática. Aconteceu no dia 14 de outubro de 2024. “Seres Rebeldes” foi ministrado por Joana Cabral de Oliveira⁶ Joana compartilhou a pesquisa que vem desenvolvendo sobre a mandioca. Sinopse do conteúdo da aula: “Em seus múltiplos enraizamentos, as mandiocas nos possibilitam narrar histórias: do monocultivo pautado no melhoramento genético de umas poucas variedades, passando por roçados hiperdiversos com mais de 100 tipos de mandioca, até a presença de ancestrais selvagens e variedades que escapam ao cultivo, num processo de asselvajamento. Eis que nos deparamos com histórias de coleta, cultivo e autonomia. Inspirada nas

⁵ Oceanógrafa (USP) e Mestra (UNIFESP) em Ciência e Tecnologia do Mar. É co-fundadora da Liga das Mulheres pelo Oceano e atua como comunicadora de ciências marinhas e emergência climática, gestora de projetos socioambientais e webdesigner.

⁶ Joana Cabral de Oliveira é Professora Livre Docente do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Com doutorado em Antropologia Social e pós-doutorado pelo Instituto de Biociências, ambos, pela Universidade de São Paulo, realizou pesquisas junto ao povo Wajápi no Estado do Amapá, tendo atuação indigenista junto a este e outros povos indígenas nas áreas de educação, saúde e questões ambientais. Atualmente desenvolve pesquisa com povos do Médio Vale do Jequitinhonha. Seu campo de estudo e atuação se foca em conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade e nos diálogos interdisciplinares entre a biologia e a antropologia.

obras de Donna Haraway, Ursula Le Guin e Anna Tsing, a conversa segue por caminhos tortuosos, mimetizando as raízes aqui perseguidas, o que nos permite contar outras histórias que não aquelas do herói, da salvação ou do fim do mundo. Outras batatas e outros povos também irão compor essa paisagem para que tantas outras narrativas sejam fiadas em gestos de quem coleta e coleciona”. Aconteceu no dia 15 de outubro de 2024. “Compostagem” foi ministrada por Vinícius Pereira⁷, onde foi abordado a compostagem urbana na aula sobre gestão de resíduos, e a compreensão de como organizar nossas casas na direção do “lixo zero” e como transformar os resíduos orgânicos em adubo, matéria prima valiosa para o plantio dentro da cidade. Aconteceu no dia 16 de outubro de 2024. É possível acessar as aulas e demais conteúdos sobre a Residência Artística Corpo Bioma no site: www.coletivoruinas.com.br e no canal de youtube @coletivoruinas2333. A troca de conhecimentos partilhados durante as aulas gerou em mim sensação de alegria e a percepção de caminhos que se abrem para a pesquisa Corpo Bioma.

Momento 5 – Compartilhamentos cênicos (outubro de 2024)

Foram criados três compartilhamentos da pesquisa com o público: uma performance itinerante (na nascente do Rio Iquiririm e na Horta Caminhos do Iquiririm no bairro do Butantã), uma instalação performativa e audiovisual e uma roda de conversa (ambos na Galeria Dandi no bairro Santa Cecília). Devido às chuvas, a performance itinerante não pode acontecer e foi transferida para um encontro remoto com o público. O local onde fica a nascente do Rio

⁷ Pós-graduado em permacultura (UFSC 2023) e educação para sustentabilidade (GAIA/UNIFAL 2021), é educador e fundador da rede Permaculturas Urbanas. Coordenador de projetos de saneamento ecológico do IPESA (Instituto de Projetos e Pesquisas Socioambientais), foi o responsável pelo saneamento do esgoto de mais de 300 residências no município de Socorro em 2023. Em São Paulo, se dedica junto aos seus vizinhos a transformação de uma área degradada no “Parque da Jóia”.



Imagen 18. Crédito: Hernandes de Oliveira (2024)



Imagen 19. Crédito: Inês Bonduki (2024)



Imagen 21 Crédito: Inês Bonduki (2024)

Iquiririm, a Horta Caminhos do Iquiririm e a composteira presente na horta converge os três temas de interesse da pesquisa: a água, a compostagem e os seres rebeldes (árvores e plantas). Oásis urbano. Uma nascente de rio com peixes e libélulas rosa-choque ao lado de uma calçada comum da cidade gera alegria, melhora o humor e a respiração. Desejamos realizar a performance em momento oportuno.

Este primeiro momento de experimentação de formatos e composições diversas a partir das performances, intervenções urbanas, estudos e partilhas com o público foi desafiador. Dramaturgia composta pelo banzeiro da pesquisa, zonas de risco, de incertezas e testes. O público foi receptivo e gentil na troca das impressões e afetos mobilizados durante as performances. Dentre os materiais criados estão três textos que podem ser acessados no programa de divulgação da Residência Artística Corpo Bioma disponibilizado no site do Coletivo Ruínas⁸.

A próxima etapa da pesquisa será o estudo detalhado e pormenorizado dos materiais coletados e produzidos tanto durante as intervenções urbanas e performances quanto durante das aulas e compartilhamentos públicos. Estudos bibliográficos e a ficcionalização especulativa do que está sendo Corpo Bioma.

Epílogo

O momento atual de lida com os limites planetários e as velocidades dos acontecimentos são desafios contemporâneos que podem ser abstratos pelo tamanho de escala que possuem. A pandemia de COVID-19 pareceu ser uma demonstração dos impactos da globalização e realçou o uso de equipamentos eletrônicos e o uso da internet, acelerando radicalmente aspectos sociais

como a segregação e as diferenças sociais. O ambiente doméstico ganhou novos contornos e usos, assim como os ambientes públicos, e público-privados. A vida mediada por aplicativos que oferecem lazer, comodidade, serviços, entretenimento etc. e colocam as pessoas (crianças, jovens, adultos, idosos) em contato direto com as *big techs*, grandes empresas de tecnologia que dominam o mercado e possuem grande influência na sociedade, é inaugural na cultura humana. O aprendizado a esta tecnologia social está acontecendo agora, em tempo real e é veloz. Velocidade e falta de tempo acontecendo simultaneamente. Como mudam os espaços com a alteração do tempo? O que provoca nas relações sociais a ampliação do entendimento de lugar (uma praça, uma sala, um clube) para uma tela (celular, computador, tablet)? A vida mediada por equipamentos eletrônicos e aplicativos compõe o bioma em que vivemos. Quais elos desejamos ver florescer?

A metodologia de autogestão proposta para a condução da Residência Artística definiu escolhas estéticas e conceituais, merecendo destaque no processo criativo. Pensar em caminhos de aproximação ao “corpo bioma” só pode acontecer de modo coletivo, e a coletividade demanda a criação de laços e acordos, provoca por vezes desentendimentos, e colabora no delineamento dos desejos individuais e coletivos. Escolher seguir em coletivo é desafiador e permanece sendo uma escolha ética e estética. Um movimento de emancipação de estruturas hierárquicas e de poder que habita em cada pessoa na intenção de abrir espaço para pensar, criar e viver juntas uma mudança de rumo.

A pesquisa “Corpo bioma” assume o corpo humano como um bioma, um complexo de relações que fazem a vida existir e permanecer em um lugar e, neste sentido, o modo com que um “corpo bioma” se relaciona com o outro, se interconecta e desenvolve suas trocas é parte central do estudo, pois considerando que grandes megalópoles são antromas (2008), bioma antropogênico

⁸ Programa da Residência Artística Corpo Bioma. Link de acesso: <https://coletivoruinas.com.br/?acoes=residencia-artistica-corpo-bioma>. Acessado em: 25/04/2025.

praticamente exclusivo à vida humana, e que extingue a possibilidade de existência de biomas e promovem, desta forma, o afastamento do ser humano da possibilidade de uma vida biodiversa, nos coloca frente a difícil tarefa de olhar para a concepção de cidade e perceber que ela precisa urgentemente ser alterada.

Sinto no corpo o adoecimento provocado por um ambiente urbano excessivamente modelado pelo humano e formado por avenidas, viadutos, calçadas, prédios, muito concreto, pixe, petróleo e cinza. Acrescido de poluição sonora, visual, auditiva, respiratória, stress, correria, urgências provocadas pelo tempo-dinheiro e o apartamento do convívio com qualquer tipo diferente de forma de vida. Como se o humano estivesse constantemente atropelando tudo o que não é humano.

Realizar as performances e intervenções nas ruas e em ambientes diversos revelou a potência que ações artísticas agregam na variação do imaginário sobre a natureza dos lugares e as relações entre os corpos. Dançar com as plantas brotam no asfalto de um viaduto, com as leiras de compostagem em uma praça pública e nas águas limpas do rio Tietê colocam ambiente e humano em harmonia de forças. São danças de encontros entre os corpos. Corpo humano e corpo ambiente. O desejo que nos move é o do encontro e da convivência. O ambiente não é cenário para a dança. O ambiente é parceiro de dança. Fomentar os ambientes como parceiros de dança, de vida e de convívio colabora com as reflexões urgentes sobre a insustentabilidade que o modo de vida baseado no consumo desenfreado e no entendimento da natureza como recurso, e não como ente provido dos mesmos diretos à vida que nós, que precisa urgentemente mudar.

Referências

Brum, E. (2021). *Banzeiro Òkótó: Uma viagem à Amazônia centro do mundo*. Companhia das Letras.

Castro, E. V. de. (2017). Os involuntários da pátria. *Revista Aracê – Direitos Humanos em Revista*, 4(5).

Guerra, C. (Director), & Gallego, C. (Productora). (2015). *El abrazo de la serpiente* [Película]. Diaphana Films.

Greenpeace. (2014, noviembre 11). *Tapajós – a luta pelo rio da vida* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=2qP62aWxDkk>

Neimanis, A., & Bezan, S. (2022). Hydrofeminism on the coastline: An interview with Astrida Neimanis. *Anthropocenes – Human, Inhuman, Posthuman*, 3(1), 8. <https://doi.org/10.16997/ahip.1363>

Souza, B., Mendonça, J., Santos, M., & Melo, L. (2020). Ambiente, antropoceno e enfermidades: (Re)abrindo a caixa de Pандора. *REGNE: Revista de Geociências do Nordeste*, 6(2), 12–23. Laboratório de Geoprocessamento e Geografia Física (LAGGEF), Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Spinoza, B. (2009). *Ética* (T. Tadeu, Trad.). Autêntica Editora.

Vianna, B., & Leite, L. (Entrevistadoras). (2023, marzo 16). *Caixas pretas* [Podcast]. Rádio Novelo. <https://open.spotify.com/episode/0rPDzb3ZMDAIvoX7qbQqHO?si=Dh-mQS8r-Qd-ofxkuAkrmmA>

Referências bibliográficas

BRUM, Eliane. Banzeiro Òkótó – Uma viagem à Amazônia centro do mundo. São Paulo. Companhia das letras. 2021.

CASTRO, Eduardo V. de. Os Involuntários da Pátria. São José dos Pinhais. Revista Aracê – Direitos Humanos em Revista. Ano 4. Nº 5, 2017.

Spinoza, B. Ética. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte. Autêntica editora. 2009.

Neimanis, A., & Bezan, S. (2022). Hydrofeminism on the Coastline: An Interview with Astrida Neimanis. Anthropocene – Human, Inhuman, Posthuman, 3(1): 8. DOI: <https://doi.org/10.16997/ahip.1363>.

SOUZA, B.; MENDONÇA, J.; SANTOS, M.; MELO, L. Ambiente, Antropoceno e enfermidades: (re)abrindo a caixa de pandora. REGNE Revista de Geociências do Nordeste. Laboratório de Geoprocessamento e Geografia Física - LAGGEF, do Centro de Ensino Superior do Seridó- CERES da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Rio Grande do Norte. V6, N2. 2020, p. 12 – 23.

Referências filmográficas e entrevistas

EL ABRAZO de la serpiente. Direção: Ciro Guerra. Produção: Cristina Gallego. Local: Diaphana films, 2015.

GREENPEACE. Tapajós – a luta pelo rio da vida. 11 nov 2014. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2qP62aWxDkk>. Acesso em: 25 abr 2025.

Rádio Novelo: caixas pretas. Entrevistadoras: Branca Vianna e Letícia Leite. 16 mar 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0rPDzb3ZMDAIvoX7qbQqHO?si=Dh-mQS8rQd-ofxkuAkmmmA>. Acesso em: 25 abr 2025.



Salvando monstruos. Darci Ordóñez.
"Tomate de carne". 2024